

## QUANDO A PALAVRA POÉTICA NOS ESCOLHE E ACOLHE: O ENCONTRO DA POESIA PELO HOMEM, EM SALGADO MARANHÃO.

*Por Ítalo Meneghetti Filho<sup>1</sup>*

*Escute, meu chapa: um poeta não se faz com versos. É o risco, é estar sempre a perigo sem medo, é inventar o perigo e estar sempre recriando dificuldades pelo menos maiores, é destruir a linguagem e explodir com ela (...). Quem não se arrisca não pode berrar.*

Torquato Neto<sup>2</sup>

José Salgado Santos, *Salgado Maranhão*, nome artístico fruto da imaginação do seu conterrâneo, amigo e também poeta Torquato Neto nasceu em Caxias, estado do Maranhão, chegando ao Rio de Janeiro em 1972. Fez a faculdade de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ)<sup>3</sup>, num período de plena efervescência política no Brasil. Anos mais tarde estudou e se tornou terapeuta de *Shiatso*, profissão que exerce até hoje, com o rigor *Zen* com que pratica artes marciais. Contudo é na poesia que realiza o seu trabalho

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciência da Literatura (Teoria Literária), pela UFRJ, com Bolsa de Doutorado pelo CNPq, sob a orientação do Prof. Dr. Alberto Pucheu Neto. Mestre em Ciência da Literatura (Teoria Literária), pela UFRJ, orientado pela Profa. Dra. Angélica Soares. Especialista em Planejamento Ambiental, pela UFF. Filósofo, pela UFRJ. Oceanógrafo, pela UERJ. Pesquisador. Orientador. Professor de Teoria Literária, Literatura Brasileira, Literatura Comparada, Literatura Infanto-Juvenil, Estudos Interdisciplinares e Metodologia das Ciências Humanas na FIRP (Faculdades Integradas de Ribeirão Pires). Consultor e Revisor de Linguagem e Construção do Conhecimento em projetos interdisciplinares junto ao Terceiro Setor.

<sup>2</sup> INTERNET. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Torquato\\_Neto](http://pt.wikipedia.org/wiki/Torquato_Neto) Acesso em: 08/05/2008.

<sup>3</sup> INTERNET.

[http://www.dicionariompb.com.br/verbete.asp?nome=Salgado+Maranh%E3o&tabela=T\\_FORM\\_A](http://www.dicionariompb.com.br/verbete.asp?nome=Salgado+Maranh%E3o&tabela=T_FORM_A) Acesso em 08/05/2008.

intelectual de maior expressão, no atrito lúdico e apolíneo<sup>4</sup> com a palavra na escritura da sua linguagem.

Letrista da MPB (Música Popular Brasileira), com parcerias com Vital Farias, Carlos Pita, Herman Torres, Zé Américo, Ivan Lins, dentre outros nomes, teve seu trabalho gravado e cantado por: Ivan Lins, Paulinho da Viola, Vital Farias, Xangai, Ney Matogrosso, Elba Ramalho, Amelinha, Zizi Possi, Elton Medeiros, Carlos Pita, Rosa Marya Colin e Juliana Amaral<sup>5</sup>.

A sua obra poética literária está distribuída nos livros: *Ebulições da escritatura* (1978), uma antologia, onde participa, juntamente com outros poetas; *Punhos da serpente* (1989); *Palávora* (1995); *O beijo da fera* (1996), premiado com o Ribeiro Couto da União Nacional dos Escritores; *Mural de ventos* (1998), criativa e cuidadosa compilação da sua obra, resultando no *Prêmio Jabuti* de 1999; e, *Solsangüíneo* (2002), objeto da minha leitura e análise, por meio da escolha de quatro poemas: *Fero*, *Persona*, *Bilro* e *Coda* que serão revisitados por meio de algumas articulações possíveis a partir da Teoria Literária.

A razão da escolha do título desse breve ensaio encontra ressonância no próprio poeta em estudo, pois este acredita, conforme me relatou em conversas, que *a palavra escolhe o poeta*. E a este, se poeta, só lhe resta render-se ao seu intenso apelo de sedução. Ora, só por isto, já teria material suficiente para ensaiar palavras no entorno da sua poética e o farei, certamente, mais adiante, na medida em que os poemas selecionados estiverem sendo analisados.

Por fim, cabe dizer que muito do material gerado para a minha incursão ao espaço poético de Salgado Maranhão está na entrevista com o poeta, realizada em sua residência, onde procurei explorar um pouco do seu universo lingüístico, sua

---

<sup>4</sup> INTERNET. <http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu-n7-Valente.pdf> Acesso em: 08/05/2008.

<sup>5</sup> INTERNET. [http://cliquemusic.uol.com.br/br/Busca/busca.asp?Status=BUSCA\\_GERAL&area=6&Chave=11408](http://cliquemusic.uol.com.br/br/Busca/busca.asp?Status=BUSCA_GERAL&area=6&Chave=11408) Acesso em: 08/05/2008.

memória e a sua lírica, além da biografia sofrida, onde o sofrimento entra como matéria de estímulo para o exercício da superação pessoal, tendo nisto, essencial papel a poesia, como catarse e arte de se redizer a si e ao outro, num duplo movimento de mergulho e recolhimento, mas também de alteridade.

Vale dizer ainda, que Salgado Maranhão, pertence a uma geração desabrigada do conteúdo da palavra escrita. Só que ele não parece acreditar nisso e faz da palavra matéria constante da sua lavra cotidiana, procurando arrancar-lhe o sentido e deixando-a livre para visitá-lo e revisitá-lo nas fabulações da lira e do estro, provocadas pelo viver.

Vamos então, leitor, conhecer e desvendar um pouco desse poeta trazido ao Rio pelas mãos de Torquato Neto e aqui, acolhido por seu outro conterrâneo: Ferreira Gullar.

O acontecimento poético entre a palavra e o poeta é uma escolha de um pelo outro, inusitado na linguagem. É quando a língua respira, se renova e inova. É também quando retorna às origens, migrando o que é primevo ao hoje, revisitando, por seu poder de memória, os seus guardados do étimo e do léxico, arrancando à lembrança o termo esquecido, a palavra descartada pelo desuso, jogada fora e sepultada pelo tempo e que somente a lembrança poética assegura no pleno reviver. Contudo, tal acontecimento é pleno de beleza como produto de razão e cálculo, como afirmava Charles Baudelaire.<sup>6</sup> E em Salgado Maranhão, essa afirmação de Baudelaire é verificável pelo esmero encontrado no trabalhamento atento da palavra poética, como um verdadeiro escultor cuja pedra bruta é a palavra, inspirada, passível permanentemente no buril e poda de arestas, quinas e lixamento da textura. A poesia de Salgado guarda o cuidado baudelairiano com as imagens trabalhadas em seus enclaves de sons e formas, mas, sobretudo de alma. A palavra precisa dizer. Tem que ser ouvida. Fazer-se presente pela linguagem é imperativo poético para Salgado, que inspirado em

---

<sup>6</sup> FRIEDRICH, H. (1975) p. 41.

Baudelaire, não se intimida com o crepúsculo, ao contrário, transforma-o em matéria de poesia; canto e beleza – ainda que brotada do que é dissonante e horrendo. Não que Salgado Maranhão seja um neodecadentista, ao contrário até, acreditamos, mas não se acanha diante do decaimento que eleva e sublima, e, se isto é, de algum modo, apresentar tonalidades decadentistas, Salgado reserva um traço de memória decadentista, revelado por certas poses da palavra diante do olhar. Senão vejamos:

### Fero

Tento esculpir a litania  
dos pássaros  
e as palavras mordem  
a inocência. Aferram-se  
ao que é de pedra  
e perda.

(Canto ao coração e tudo é víscera,  
como na savana.)

Restolhos de espera  
e crimes;  
*insights* de insânia  
e súplica; volúpias insolúveis  
acossam-me a página  
em branco  
qual bandido bárbaro  
ou mar revolto  
a rasgar a calha  
do poema.

Nada me resgata.  
Não sei se sou quem morre  
ou quem mata.<sup>7</sup>

Ao tentar esculpir a ladainha dos pássaros, o poeta, mordido pela inocência das palavras que *aferram-se* ao que é pedra e perda e exatamente aqui, emite um leve sorriso baudelairiano, buscando o efeito pela força de um quase contrário de rima,

---

<sup>7</sup> MARANHÃO, S. (2002) p. 65-66.

entre o que é pedra e perda. Na procura da sonoridade que tenta o encontro pelo desencontro dos fonemas que se atritam. Na procura por um cantar um tanto mais sublime onde tudo é víscera, entranhas, labirintos de coisas estranhas e repulsivas, onde os restos fragmentados de espera e crimes, juntamente com a insanidade por inspiração e ao mesmo tempo a súplica por esta, que vai encontrar o poeta, sem saída, entre o branco inquiridor da página por escrever, no gesto brusco do poema que não chega. O poeta se desacredita e já não sabe se tem a ação da morte ou se por ela é morto.

Aqui, o poeta procura também fazer aflorar na primeira estrofe, pela imagem do elemento lírico desgastado pela ação inclemente do tempo, o sentido da perda, da memória corroída, da palavra equivocada, quase ludibriando o lírico que não receia revelar o seu grande dilema diante da página por escrever. Mais do que as palavras que mordem, o vate, aqui, ao que parece é abocanhado pela espera da palavra que não chega, mas que ele ainda acredita possível, ou pelo menos na sua capacidade de trabalhar por sua espera, quem sabe? Ou quem sabe ainda, por aquela palavra suicida que se arremete contra o poeta somente para fazê-lo viver? Quem sabe?

Mas o poeta não desiste, e apesar da pedra de toda a espera e da perda permanente de toda pedra – que em parte a palavra encerra – uma vez mais acredita na palavra e a ela se abre, sem o menor receio de se mostrar um *homo duplex*<sup>8</sup>, capaz de aguardar, cindido, o que é céu em si e é inferno, pela palavra que o faça eleito do dizer, numa insinuação barroca, ainda que distante, no mosaico das palavras. Permanece a dúvida sobre o que somos e o que podemos ser sem a palavra. Não somente nos poemas escolhidos para esse despretenso ensaio, mas por praticamente todos os poemas de *Sol Sangüíneo*, encontro um poeta magnetizado pelo poder sedutor da palavra, resultando o seu trabalho numa espécie de metapoesia, onde à palavra poética, o poeta acresce a magia recreativa da linguagem, em todo o seu poder de dizer. Com *disciplina*

---

<sup>8</sup> FRIEDRICH, H. (1975) p. 46.

*espiritual e a clareza de sua consciência artística*<sup>9</sup>, Salgado Maranhão reúne a clarividência poética e a sensibilidade à flor da pele, nesse afago constante e desmedido com a palavra. Trata-se de uma relação íntima, de ser possuído, por ela – a palavra –, mas também, inegável, a intenção de possuí-la. Daí, o esmero e todo o cuidado para domá-la ao seu gosto, quando a ele primeiro se entrega. Nesse desejo está a consagração do poeta, não pela crítica, por seus leitores, mas antes, assegurado pela própria palavra que se diz dócil, dúctil, macia e fluida, articulada poeticamente em sua própria fluidez de ser. É quando o poeta se basta e escreve primeiro para si, antes de para qualquer outro. É também quando o poeta esquece o jogo político da contigüidade e alteridade e celebra-se somente a si, elemental, primevo, virginal, individual em sua entrega lingüística e lânguida à palavra, como em verdadeira núpcia. É o momento, como celebra Paul Valéry em *A alma e a dança: Pelos deuses, as claras dançarinas! Que viva e graciosa introdução aos mais perfeitos pensamentos!*<sup>10</sup> Valéry, deixa seu personagem tomar de arroubo a cena e nos acena com um elevado sentido poético para a palavra, matéria de sentimento e poesia. *É verdadeiramente penetrar em outro mundo*<sup>11</sup> e deixar-se perder no desvão entre a realidade e a poesia. Ou será que a poesia também é uma outra dimensão de realidade que acontece quando se estreitam e beijam a palavra e a sensibilidade? Quem poderá nos dizer, senão o poeta em sua transgressão e avidez pelo verbo! Vou, portanto a outro poema, pois *Persona* encerra um pouco disso tudo... Que o poeta se permite para si:

### Persona

(...) e o que de nós transmigra  
para o que não é palavra  
e forma,  
o que é informe  
e ter sido  
sob o solstício e o vento  
sem legenda.

---

<sup>9</sup> Ibidem. p. 36.

<sup>10</sup> VALÉRY, P. (1996) p. 23.

<sup>11</sup> Ibidem. p. 63.

E no entanto lume  
 no verbo escarnado  
 sob a cesura que se esgarça  
 ao indefinível.  
 E no entanto é nome,  
*persona*,  
 holograma no vácuo  
 que são sem o Ser.

Essa vontade de cesura para longe; esse esgarçamento da pausa, do corte, nessa transmigração, é o que Paul Valéry conta que o poeta Mallarmé, certa vez respondeu ao pintor Degas, quando indagado por este sobre o fazer poético: *Absolutamente não é com idéias, meu caro Degas, que se fazem os versos. É com palavras.*<sup>12</sup> E Salgado procura o verbo até escarnar, num desnudamento sangüíneo até o osso; o tutano, que é de onde a linguagem brota e verte da palavra que sangra e se escreve pelas mãos do poeta. No holograma, esses nomes são muitos e se perdem na vacuidade pela ausência do Ser.

Quando Paul Celan afirma que *o poema seria o lugar onde todos os tropos e metáforas querem ser levados 'ad absurdum'*<sup>13</sup> e que também *é solitário e vai a caminho, tornando quem o escreve parte integrante dele,*<sup>14</sup> é exatamente nesse ponto em que o poeta se torna utópico e criador de utopias. Quanto mais o poeta avança em seu sonho verbal, mais para adiante se projeta a idéia como suporte da palavra, onde tudo, heideggerianamente, cabe e metafisicamente encontra potência de realização. Assim, o poema é uma construção móvel, um *constructo* relativo, relativizado e relativizador, onde *o poema absoluto – não, é mais que certo que não existe, não pode existir, tal coisa!*<sup>15</sup>

O poema projeta para adiante de si, toda e qualquer expectativa de segurança, pois ele jamais assegura, somente insinua, arrisca, sugere e seduz. A sua luz é variável como a luminosidade do dia, tanto pode ser matinal, vespertina, quanto

---

<sup>12</sup> VALÉRY, P. (1999) p. 200.

<sup>13</sup> CELAN, P. (1996) p. 59.

<sup>14</sup> Ibidem. p. 57.

<sup>15</sup> CELAN, P. (1996) p. 58.

brilhar de modo crepuscular. O poema é feito de sublimes elevações e de ocasos. E se nessa nossa afirmação demasiadamente baudelairiana estou a lembrar do poeta francês em sua *weltschmerz*,<sup>16</sup> como que *detrás de seus trejeitos* [dirigindo] *lentamente seu olhar até nós como a luz das estrelas*,<sup>17</sup> assim o faço, propositalmente, pois Baudelaire elevou ao máximo poético as movediças fronteiras entre a palavra e o real; entre o poético e o físico; entre o abstrato e o concreto.

E para ilustrar a mobilidade da palavra poética, quando se pretende móvel e também movente, vamos ler atentamente esse poema, de Salgado Maranhão, dedicado a um outro poeta, Adriano Espínola, e que se enreda do tempo e suas rendeiras, a tecerem em lentidão a urdidura viver. Vamos ao poema:

### **Bilro**

*Para Adriano Espínola*

No bilro – em conta-gotas percussivo  
 como num fio de orvalho rutilante –  
 enreda-se a rendeira, em gesto altivo,  
 como se o vôo das mãos dissesse: cante!  
 E diz, no labirinto remissivo  
 de linhas que se cruzam conflitantes  
 pelo refrão de outro tear-arquivo,  
 que o tempo descostura a cada instante:  
 o coração, que em sua tecelagem  
 de ritmos e reveses leva à estiagem  
 o sopro da existência e sua lenda,  
 num fluir secreto e com tal voltagem,  
 que o que se tece já não é a renda,  
 é a própria vida que se desemenda.

---

<sup>16</sup> Expressão alemã, tomada, aqui, por empréstimo ao Jovem Werther, de Goethe, sugerindo “a dor do mundo”.

<sup>17</sup> FRIEDRICH, H. (1975) p. 35.

Em *Bilro*, Salgado Maranhão desfia pela temporalidade poética o decurso entrelaçado e entrelaçante do viver. Reveste a rendeira do próprio Tempo, como se fosse uma semideusa no usufruto dos seus poderes de urdir os destinos, que por suas mãos, ora se ajustam na trama, ora se esgarçam. Além da forte imagem poética carregada pelo poema, *Bilro* entoa uma musicalidade nas palavras, que o torna um poema-tear, a tecer os tons da sua própria voz na melodia de linguagem aparada e desbastada de excessos, mas sem ser comportada. Ao contrário, possui uma estrutura lírica original e de forte efeito percussivo, capaz de mover a atenção, deslocando o olhar da forma para a linguagem e desta para a forma novamente, num trânsito frenético e sibilante que torna o poema numa genuína canção de palavras. Por outro lado, *Bilro* trás o fascínio metafísico da temporalidade humana a se confundir com a do próprio mundo e das coisas, numa ontologia poética exercida mais pelo fruir do tempo que por seu fluir. A fruição, aqui, é um canto de prazer, mas que também pode ser de dor. A fruição do poema fica por conta da soltura das palavras numa linguagem móvel e que sabe procurar as frestas e fissuras do dizer para acontecer como objeto estético construído de palavras.

Considero que estruturalmente a poesia de Salgado Maranhão, não é repetitiva, monótona, tampouco previsível, conforme explica Baumann<sup>18</sup> em sua consideração ontológica e epistemológica para estrutura. Como relembra Novalis<sup>19</sup>, *a sua linguagem [fala] pelo prazer de falar, e porque a palavra [é] sua essência e sua alegria.*

Em Salgado Maranhão, a palavra poética o escolhe por seu teor de encantamento e ludismo; por sua mobilidade marcial e fluidez física; por seu caráter cerebral ao mesmo tempo em que instintivo capaz de se demorar no aprimoramento da inspiração bruta até torná-la reluzente aos olhos e aconchegante aos ouvidos. Trata-se de poesia com densidade de matéria bruta e sutileza de ourivesaria, onde

---

<sup>18</sup> BAUMANN, Z. (1998) p. 243.

<sup>19</sup> NOVALIS, (1989) p. 32.

ao fim, cada peça-palavra faz parte de uma delicada engrenagem lingüística a se mover sem atrito e desencaixes. Se existe algum atritar em seu tecido verbal, mais o é por lapidação natural das peças, sempre passíveis de ajustes do que por arestas mal acabadas. A poesia de Salgado reflete em que pese a metáfora, mais que a escolha e o acolhimento da palavra poética pelo poeta; reflete também a entrega do homem pela palavra, numa plena relação de comprometimento e prazer, com o que é apolíneo na linguagem, bem mais do que o que é dionisíaco, embora, deste, não se furte a sondar as suas fronteiras e brincar com a embriaguez. E antes de deixar o leitor ao sabor de *Coda*, cabe aqui, as palavras do poeta e crítico Antonio Carlos Secchin:

Numa dicção arraigadamente pessoal, Salgado Maranhão, em *Sol Sangüíneo*, atinge o (até agora) ponto máximo de sua obra, num conjunto coeso de poemas, em que a inteligência especulativa e a celebração da corporalidade do mundo se expressam com grande vigor metafórico.<sup>20</sup>

### **Coda**

*Para Ferreira Gullar*

Agora que cantar é flor  
de lavas, lides  
e o sol sangüíneo raia  
nosso cais,  
uma foz de lábios  
nos incesta ao arbítrio  
antes que rapinas raptem  
nosso último grão de víscera.

Cantar como as pedras rolam  
cantar como o sangue cinge  
os dígitos do amor mensurável.

Radical amanhece  
a ramagem de incêndios  
sobre as vinhas.

Do sublime à barbárie,

---

<sup>20</sup> Na contracapa de *Sol Sangüíneo*.

eis que o destino inscreve-se  
nos dentes.

Transidos recolhemos a penugem  
do sol  
e o silêncio  
em riste.

No ermo de ter-se sem se pertencer  
Só o impermanente permanece.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMANN, Zygmunt . *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

CELAN, P. *Arte poética: o meridiano e outros textos*. Lisboa: Cotovia, 1996.

FRIEDRICH, H. *Estrutura da lírica moderna*. São Paulo: Duas Cidades, 1975.

MARANHÃO, S. *Sol Sangüíneo*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

NOVALIS. *Os discípulos de Sais*. Lisboa: Hiena, 1989.

VALÉRY, P. *A alma r a dança*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. *Variedades*. São Paulo: Iluminuras, 1999.

## INTERNET

CLIQUEMUSIC.

[http://cliquemusic.uol.com.br/br/Busca/busca.asp?Status=BUSCA\\_GERAL&area=6&Chave=11408](http://cliquemusic.uol.com.br/br/Busca/busca.asp?Status=BUSCA_GERAL&area=6&Chave=11408) Acesso em: 08/05/2008.

DICIONÁRIO CRAVO ALBIN DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA.

[http://www.dicionariompb.com.br/verbete.asp?nome=Salgado+Maranh%E3o&tabela=T\\_FORM\\_A](http://www.dicionariompb.com.br/verbete.asp?nome=Salgado+Maranh%E3o&tabela=T_FORM_A) Acesso em: 08/05/2008.

PUC-RJ. . <http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu-n7-Valente.pdf>  
Acesso em: 08/05/2008.

WIKIPÉDIA. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Torquato\\_Neto](http://pt.wikipedia.org/wiki/Torquato_Neto) Acesso em: 08/05/2008.

## FITA CASSETE

ENTREVISTANDO SALGADO MARANHÃO. Entrevista de Ítalo Meneghetti Filho ao poeta Salgado Maranhão. Fita Cassete. Rio de Janeiro: Julho de 2002.

